

Maria da Graça L. Castro Pinto. *A escrita. O papel da universidade na sua otimização.*  
Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2014. 247 pp.  
ISBN 978-989-8648-30-3

## **Isabel Margarida Duarte**

iduarte@letras.up.pt

*Faculdade de Letras da Universidade do Porto*

*Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)*

Maria da Graça Lisboa Castro Pinto é Professora Catedrática da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. É docente do Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos, membro do Centro de Linguística da Universidade do Porto, e trabalha, preferencialmente, nas áreas da Psiocollingüística, tendo a seu cargo Unidades Curriculares como Psicollingüística e Ensino de Línguas, Linguagem e Cognição, Aquisição e Linguagem, entre outras. É Diretora do 3º ciclo conducente ao grau de Doutor em Didática de Línguas. Nos últimos anos, a sua investigação tem-se centrado, entre outros assuntos, na escrita. Este interesse, no entanto, não é mero tema de pesquisa teórica, porquanto, como se pode ver por textos que compõem o presente volume, investigação e ensino estão profundamente interligados no caso da docente em apreço. Com efeito, não só o trabalho sobre a escrita universitária mas também o incentivo ao pensamento crítico sobre esse trabalho são aspetos que particularizam a docência e a investigação da autora do livro, brevemente apresentada na badana.

Esta obra, de publicação financiada pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e a Fundação para a Ciência e a Tecnologia, é o número 7 de uma coleção intitulada Capflup, isto é, Cadernos de Apoio Pedagógico da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, “textos e exercícios elaborados pelos docentes [...] com o objetivo de agilizar o processo de aprendizagem”, para permitirem o aprofundar dos conteúdos programáticos, “a articulação entre a conceptualização e a aplicação”, como se pode ler na contracapa do livro. Tais desígnios foram cabalmente cumpridos, a nosso ver, com a publicação deste livro, já que fornece sólidas bases teóricas sobre a questão da escrita, a partir da preocupação de ensinar a escrever mais eficazmente na Universidade, mas não apenas. Tem indubitável interesse e até utilidade imediata não só para professores e estudantes em geral, ou seja, para quem utiliza a escrita universitária, como também para a área da formação inicial ou continuada de professores de qualquer nível de ensino.

O livro tem um Preâmbulo de cinco páginas da autora, depois de uma nota informativa sobre a origem dos diversos textos, a maior parte dos quais tinha já sido publicada noutros espaços. O facto de estarem aqui reunidos, além de tornar mais acessível uma parte deles, nem sempre fáceis de encontrar, confere uma unidade e outra intencionalidade ao conjunto. No Preâmbulo, Maria da Graça Pinto explica a opção pelo título escolhido, que parte do seu apreço pelo estudo de Snowdon (2002) sobre o que sucede à linguagem no processo de envelhecimento.

A autora foi particularmente sensível “ao papel que a qualidade da escrita na juventude pode vir a ter na consolidação de uma reserva cognitiva na velhice” (p. 13) e daí a sua insistência teórica e também prática, porque se traduz em exercícios concretos e em reflexão sobre os processos de escrita dos estudantes, no tópico da otimização da escrita.

A longa e muito elogiosa Apresentação, a cargo de Olívia Figueiredo, ocupa treze páginas e é um excelente aperitivo para o livro que introduz, já que resume os contributos de cada texto, salientando-lhes os aspetos mais interessantes, do ponto de vista da prefaciadora.

A obra está dividida em quatro partes. A primeira, intitulada “A leitura e a escrita frente a frente”, ocupa 65 páginas e reúne três textos em que se faz a articulação entre as duas competências: “A leitura/escrita na universidade e para lá dos seus muros”, “A leitura e a escrita na universidade. Até onde pode ir o papel da universidade na sua otimização” e, finalmente, “A leitura e a escrita: um processo conjunto assente numa inevitável cumplicidade.” Os dois primeiros textos partem da constatação de que os estudantes universitários não conseguem ler devidamente a bibliografia aconselhada e não escrevem também com a desenvoltura e a eficácia necessárias.

Feito o diagnóstico, Maria da Graça Pinto procura ajudar a resolver as malformações dos textos escritos dos jovens adultos com que trabalha, sobretudo dando sugestões de processos que levem os seus autores a refletirem sobre o que já produziram, de modo a consertarem as falhas gramaticas e as incoerências de sentido. A ideia de que a escrita deve ser treinada em todas as fases da vida regressa em vários momentos da obra, já que se mostram as vantagens do jogo e de uma intervenção precoce nesta área em períodos iniciais de aprendizagem, mas também se insiste na importância da qualidade da escrita do jovem adulto para o que será a sua linguagem na velhice, quer a nível da densidade de ideias quer da complexidade sintática. Esta última linha de pensamento irá ser glosada, sobretudo, na segunda parte do livro. Quanto à importância do jogo e da brincadeira para o desenvolvimento da linguagem e da literacia em geral, Graça Pinto sublinha que “quando a criança, ao brincar, transforma uma coisa noutra, ela começa a separar o sentido dos objetos, o que conduz ao estabelecimento das bases para compreender outros sistemas de representação, como a escrita, e à substituição dos objetos e dos contextos por formas mais abstratas graças às modificações que se vão operando a nível das suas representações mentais.” (p. 44). Justamente porque muito do sucesso futuro da leitura e da escrita se joga na infância, a autora dá também atenção a esta fase, essencial para o aprofundar das competências literácitas posteriores de cada pessoa.

Essa segunda parte intitula-se “A linguagem, a leitura e a escrita vistas como trajetos”, estende-se da página 99 à 187, e compõe-se igualmente de três capítulos: “A linguagem ao longo da vida. Que implicações de que gramática em que momento?”, “Da escrita ou de um longo caminho para um possível final bem sucedido” e “As bases da leitura: entre a “ciência” a literacia antecipada e a “ciência” do jogo”. Nesta segunda parte, percorrem-se todas as idades

humanas do ponto de vista das vantagens que tem o desenvolvimento da escrita (e da leitura que lhe está sempre associada até porque, como a autora sublinha, lemos enquanto escrevemos, ou seja, nós somos os nossos primeiros leitores). Mas atenção: o facto de Maria da Graça Pinto sublinhar a relação óbvia entre leitura e escrita, não significa que esqueça a oralidade e a importância de ela ser também trabalhada, de modo a favorecer a competência literária que se trata de desenvolver. Aliás, a autora chama a atenção para o facto de a relação entre escrita e oralidade não ser dicotómica, mas ocorrer num *continuum* (cf. p. 60). A literacia emergente tem em conta, justamente, a interrelação crucial entre desenvolvimento da leitura, da escrita e da linguagem oral. Por outro lado, cabe sublinhar a ideia, tão contrária ao que se propõe nas atuais Metas Curriculares para o Ensino Básico, de que “[...] a leitura tem de fazer sentido a quem ler. Ela tem de envolver uma busca de significado que não se pode apoiar exclusivamente em palavras individuais; desta forma, o significado exato das palavras só será atingido quando estas se encontrarem inseridas em passagens de texto com significado.” (p. 79). Ora, interessa que a criança conheça mais palavras para ler mais rapidamente e melhor (o chamado efeito Mateus, a que a autora se refere várias vezes) e, por isso, as palavras deverão fazer sentido para quem as lê. Também Girolami-Boulinier (cf. 1993: 34 e 42, referida na p. 80) advoga que “a leitura deve servir-se, para a sua realização, de grupos de palavras com sentido”. Que dizer, portanto, da utilidade de leitura de intermináveis listas de pseudopalavras que os alunos do 1º ciclo deverão ler, em curto espaço de tempo, cronometrado, segundo instruções do documento regulador acima referido?

Nesta parte do livro, temos reflexões em torno da já falada investigação de Snowdon sobre os *nun studies*, que apontam para a importância de que se reveste a qualidade da escrita na juventude para a conservação de capacidades cognitivas na velhice, mas também temos contributos sobre a importância do jogo e de atividades lúdicas que precedem a leitura e a escrita, em idades precoces, antes ainda de começar o ensino explícito e formal. O facto de a autora passar das questões de mera leitura para a consideração da literacia emergente corresponde a um entendimento mais correto e abrangente do problema, que deixa de estar confinado à leitura e passa a focar outras práticas sociais, algumas das quais ligadas também à escrita. Com efeito, literacia também abrange a literacia dos *media*, a literacia audiovisual, a digital, etc.

A terceira parte, das páginas 189 a 221, central no pensamento da autora, é sobre “A revisão da escrita” e tem um único capítulo, ele também central na obra: “A escrita: um processo recursivo movido pela revisão?”. Nele, Maria da Graça Pinto chama a atenção para o lugar fulcral da revisão no processo de escrita, uma vez que é ele que nos permite, durante esse processo, ir construindo conhecimento e textos cada vez mais coerentes e eficazes. Citando Sommers, a autora sublinha ideias que já defendera sobre a revisão: “Instead of thinking of revision as an activity at the end of the process, what if we thought of revision as a process of making a work congruent with what a writer intends – a process that occurs throughout the writing of a work?” (Sommers 1979: 48, *apud* Pinto 2014:

204). Maria da Graça Pinto apresenta-nos o método de revisão paramédico de Lanham, escolhendo as três regras a seu ver mais pertinentes das oito enunciadas pelo autor. Essas regras são de inegável utilidade para qualquer revisão de texto em qualquer nível de ensino, pelo que a leitura deste artigo é particularmente aconselhada a professores e a estudantes dos graus mais adiantados, aqueles que, autonomamente, já conseguem regular as suas próprias aprendizagens. Além dessas, a autora sugere também a leitura em voz alta quando se acaba de escrever um texto, de preferência diferida no tempo, em relação à sua escrita. A aplicação das regras propostas visa corrigir erros como frases inacabadas, longas e “com vários encaixes, designadamente de orações relativas, à esquerda do verbo da oração principal” (Pinto 2014: 210), que sobrecarregam a memória operatória não só do escrevente como também do leitor, como a autora afirma a seguir. A tendência para a descrição em vez da interpretação (cf. p. 35) constitui um outro ponto fraco de muitos textos escritos por universitários. Às vezes, mesmo não tendo incorreções de tipo gramatical, os textos padecem de excesso, aquilo a que Lanham chamou “lard” e necessitariam, para serem mais legíveis, de ser aligeirados, de modo a tornar mais rápido e fácil o acesso ao conteúdo. Também a dificuldade em hierarquizar informação ou a tendência para sujeito e verbo serem afastados pela inclusão de demasiada informação prejudicam a legibilidade de muitos textos produzidos em contexto universitário. Para exemplificar estas falhas frequentes que os ensinamentos expostos visam colmatar, Maria da Graça Pinto transcreve exemplos de trabalhos realizados por estudantes seus de mestrado. Este carácter prático é, aliás, um dos pontos fortes do livro, porque permite que se perceba a utilidade imediata, para a qualidade dos textos dos estudantes, de conhecimentos mais profundos e refletidos sobre a escrita, por parte dos docentes, bem como da adoção das estratégias de remediação avançadas pela docente. Por outro lado, a autora salienta que reescrever, como escrever, é pensar e construir conhecimento e é esse um dos motivos que torna a atividade de escrita particularmente importante no ensino, sobretudo no ensino Universitário.

Os excertos de textos que a autora usa no seu livro não têm sempre por finalidade exemplificar falhas recorrentes. Por vezes, o que tais extratos revelam é o pensamento crítico dos estudantes sobre o seu processo de escrita e essas são, talvez, as sequências mais interessantes dos textos transcritos: aquelas em que quem escreve reflete sobre o seu processo de escrita e sobre as vantagens que para si advieram dos ensinamentos recebidos nas aulas e na bibliografia recomendada, bem como nos comentários minuciosos da docente.

A quarta parte do livro, mais breve, reúne três longas recensões de obras que a autora considera fulcrais neste campo e que tiveram particular importância para o seu próprio pensamento pessoal sobre o tema, assim como para a conceção do presente livro. O título desta parte é “Recensões de obras sobre a revisão da escrita e a modalidade na escrita científica”. Nela se apresentam as seguintes obras: *Revising Prose*, de Richard A. Lanham, na sua 5ª ed., de 2005, *The craft of revision*, de Donald M. Murray, edição do quinto aniversário, de 2013 e, finalmente, de Minna Vihla, *Medical Writing. Modality in Focus*, de 1999.

O livro, de leitura exigente mas escrito em linguagem enxuta e clara, apresenta, no final de cada texto, uma extensa e muito útil bibliografia. Cada um deles é também precedido de um resumo em português e em inglês, facilitadores da leitura. Como Olívia Figueiredo reconhece, na Apresentação, “todos os artigos e resenhas se podem ler de forma independentemente e por qualquer ordem, embora não se possa prescindir da leitura conjunta e plural de todos os textos porque os tópicos de cada um se entrecruzam com os tópicos dos demais, complementando-se e esclarecendo-se mutuamente.” (p. 29). A escrita é fulcral para os seres humanos, porque, como Graça Pinto refere, a partir da leitura de autores de referência, “exerce um efeito muito singular não somente na forma de pensar e de aprender, mas também no desenvolvimento de habilidades metacognitivas” (p. 55). Uma competência com tanta influência nos desempenhos cognitivos dos seres humanos, em todas as épocas das suas vidas, merece, sem dúvida, a nossa melhor atenção de educadores. Essa atenção pode começar, a nosso ver, pela leitura do livro agora em apreço.

---

Recebido em junho de 2015 ; aceite em julho de 2015.

## REFERÊNCIAS

- Girolami-Boulinier, Andrée. 1993. *L'apprentissage de l'oral et de l'écrit*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Snowdon, David. 2002. *Aging with Grace: What the Nun Study Teaches Us About Leading Longer, Healthier, and More Meaningful Lives*. London: Fourth Estate [First published in 2001].
- Sommers, Nancy. 1979. The need for theory in composition research. *College Composition and Communication*. 30 (1), 46-49.